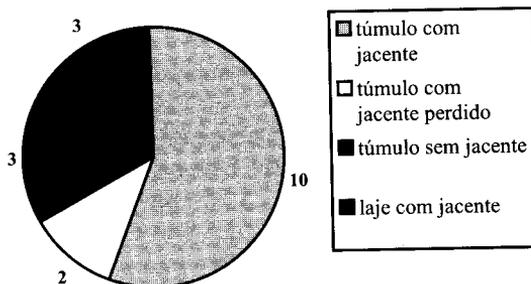


MEMÓRIA TUMULAR DE RAINHAS, INFANTAS E FIDALGAS EM PORTUGAL (1250-1350)

por Rosa Pomar*

O presente estudo tem como base vários trabalhos de historiadores da arte relativos à inventariação e caracterização da tumulária medieval portuguesa¹ complementados, para efeitos de uma melhor justificação das personagens tumuladas com dados avulsos recolhidos em fontes escritas de origem diversa².

1 – Tipologia das sepulturas



* Aluna de Mestrado em História Medieval na FCSH.

¹ Destacando-se, entre os trabalhos mais recentes, os de Fernando Pato Macedo, «O descanso eterno»: Emídio Maximiano Ferreira, *A Arte Tumular Medieval Portuguesa* e o de Mário Jorge Barroca, *Necrópoles e Sepulturas Medievais de Entre-Douro-e-Minho*.

² De entre as quais se destacam, pelas informações fornecidas sobre a localização e, por vezes, a morfologia das sepulturas: *Monarquia Lusitana, História Genealógica da Casa Real Portuguesa, Brasões da Sala de Sintra*.

A partir de tais materiais iremos considerar, para o período de 1250-1350, dezoito sepulturas femininas (gráfico 1), entre as quais se contam 10 túmulos com jacente, 2 de que se perdeu o jacente e se conhece a arca, 3 túmulos sem jacente e 3 lajes sepulcrais com jacente gravado ou esculpido.

O período proposto abrange, grosso modo, os reinados de D. Afonso III, D. Dinis e D. Afonso IV, concentrando-se a produção da tumulária feminina disponível nos dois últimos. Trata-se de um período marcado pelo fim da «Reconquista» e pela estabilização das fronteiras do reino. Internamente, verifica-se o processo de afirmação das vilas e cidades, as quais, favorecidas pelo apoio régio, se transformam progressivamente nos principais centros económicos e políticos do país, ao mesmo tempo que se assumem como centros portadores de formas culturais diferentes das tradicionais, ou seja, as que remetiam para o mundo senhorial do reino da reconquista. Com efeito, nas cidades se implantam as novas formas de pensar ligadas à difusão da escrita, à proliferação dos centros letrados e ao aparecimento da universidade, sendo também as cidades os locais onde se propagam as novas correntes de espiritualidade, como é o caso das relacionadas com as ordens mendicantes.

De uma forma geral, a época que abordamos também assiste a importantes alterações no que respeita à forma de encarar a morte, iniciando o novo processo de afirmação dos valores individuais. À *morte domesticada* (na terminologia de Philippe Ariès³) vem substituir-se a *morte de si próprio*, ligada a uma forma mais personalizada de preparar e viver o momento da grande passagem. São reflexo desta nova atitude, entre outros aspectos, a crença no poder propiciatório das orações pela alma do defunto e o ressurgir da personalização das sepulturas, que começam a reflectir a elaboração individual de uma memória que se quer preservar do esquecimento.

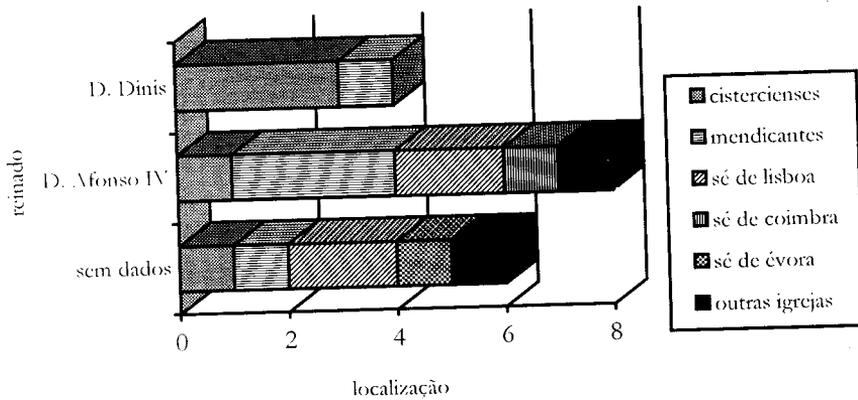
Em Portugal, é no século XIV que se verifica um mais significativo aumento da produção de túmulos decorados, sendo também aquele de que conhecemos um maior número de estátuas jacentes⁴.

Com efeito, a tumulária feminina portuguesa, nos termos em que aqui nos propomos analisá-la, é uma criação deste período. Anterior a 1250 chegou até nós apenas o túmulo da mulher de Afonso II, executado por iniciativa do seu régio esposo, e que constitui precoce excepção.

³ Cf. *Sobre a História da Morte no Ocidente desde a Idade Média*, capítulos 1 e 2.

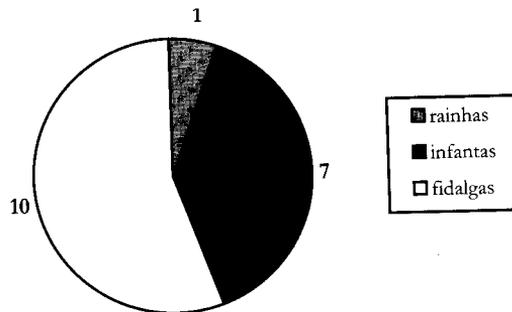
⁴ Cf. Ferreira. *A Arte Tumular Medieval Portuguesa*, p. 47.

2 – Tumuladas por reinado e localização



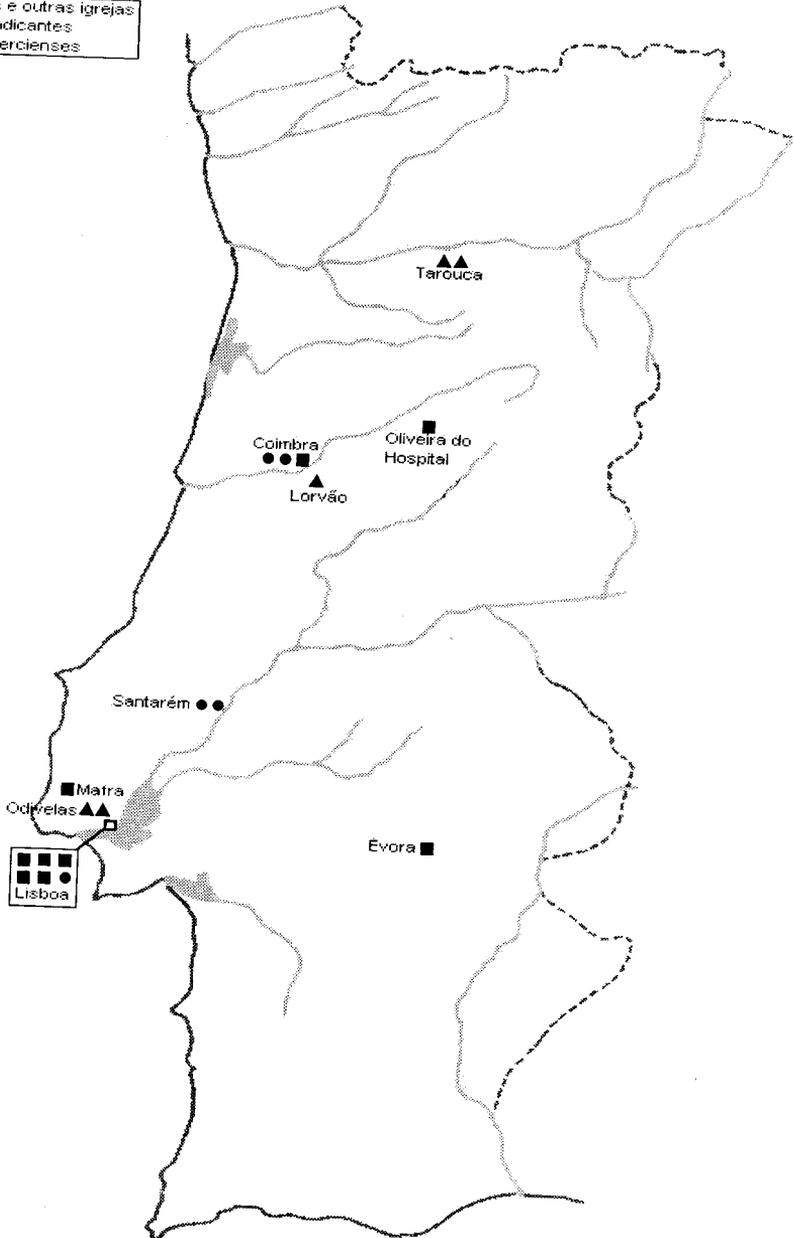
Assim, para além desta exceção, a geografia tumular feminina considerada (ver mapa), bem como a sua evolução cronológica, apontam para um espaço que tem no centro do país, o país urbano e concelhio, a sua máxima expressão, sendo nítida a tendência de os túmulos se concentrarem nas cidades de Coimbra, Santarém e Lisboa, situação reforçada se considerarmos as referências a túmulos já desaparecidos.

3 – Condição das tumuladas



Dispersão Geográfica de Túmulos por Instituição

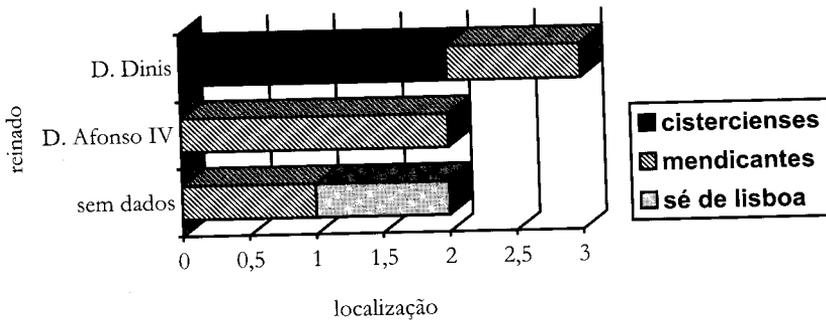
- Sés e outras igrejas
- Mendicantes
- ▲ Cistercienses



Tendo como cenário o país urbano e concelhio (gráfico 2), a tumulária feminina considerada começa por surgir associada a mosteiros cistercienses, evoluindo progressivamente, sobretudo no reinado de Afonso IV, para uma opção pelos templos pertencentes às ordens mendicantes, ao mesmo tempo que as igrejas urbanas se afirmam também como lugares de tumulação.

Remetendo para as cidades e para os seus templos, os túmulos a que nos referimos (gráfico 3) dizem sobretudo respeito a mulheres fidalgas, metade das quais identificam filhas ou esposas de nobres que desempenharam cargos na corte régia, para além de a maioria das restantes corresponderem a famílias de recente nobilitação, como é o caso das aristocracias lisboetas⁵. Nesse sentido, todas elas apontam para linhagens directa ou indirectamente associadas ao viver e aos quotidianos urbanos, aqueles onde a morte de si próprio se revelara o mais premente ideal.

4 - Rainhas e infantas por reinado e localização



Quanto aos restantes túmulos, pertencentes a rainhas, infantas e bastardas régias (gráfico 4), verifica-se a opção pelos mosteiros mendicantes feita durante o último reinado, sendo ainda importante referir que Afonso IV e Beatriz de Castela se fizeram sepultar na Sé de Lisboa, e que essa sua opção se reflectiu de forma determinante na geografia dos enterramentos nobiliárquicos do período.

⁵ Estando aqui representados os Alvernazes (Margarida Alvernaz, sepultada na Sé) e Palhavãs (Sancha Pires, mulher de João Anes Palhavã, tumulada no mosteiro de S. Domingos). Sobre o estatuto destas famílias cf. Marques; Gonçalves e Andrade. *Atlas das Cidades Medievais*, p. 56 e Zúquete. *Armorial Lusitano*, p. 417.

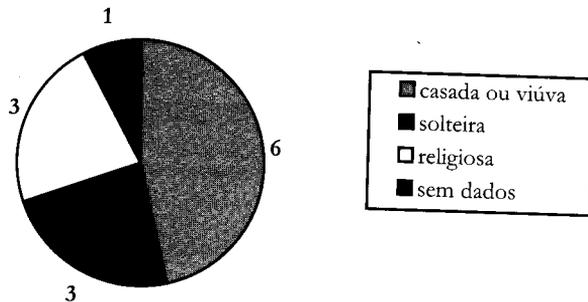
Convém igualmente notar, quanto ao local de enterramento, o peso que sobre a escolha das mulheres casadas ou viúvas assume a localização dos túmulos dos maridos. São exceções conhecidas a este comportamento a sepultura de Isabel de Aragão e, também em Coimbra, a de D. Vataça, casos excepcionalmente bem documentados e para os quais é possível acompanhar as decisões tomadas no respeitante ao local e forma de enterramento⁶.

Com base nestes dados, podemos afirmar estarem os túmulos femininos estreitamente associados a um cenário urbano, e de forma proporcionalmente relacionada com a proximidade do rei ou da corte das mulheres tumuladas, incidindo sobretudo em localidades frequentadas pelos monarcas (Lisboa, Odívelas, Santarém, Coimbra)⁷.

A análise iconográfica do conjunto das sepulturas, ainda que o seu estudo exaustivo esteja em grande medida por fazer, permite-nos identificar as tendências e soluções que gozaram de maior aceitação e recolher outros dados importantes para a análise do conjunto.

Começemos então pelas figuras jacentes, que são ao todo 13 (gráfico 5).

5 - Condição expressa nas figuras jacentes



Predominam claramente entre estas as representações de mulheres casadas ou viúvas, identificáveis como tal sobretudo pelos véus que lhes cobrem os cabelos e pescoço. Temos depois as jacentes figuradas como jovens donzelas, normalmente de dimensões inferiores, e com cabelos compridos e visíveis (figura 1 e 3). Surgem em terceiro lugar as jacentes representadas com hábito religioso.

⁶ No caso de D. Vataça, subsistiu mesmo o contrato para a execução do túmulo, celebrado entre a Sé de Coimbra e mestre Pero *das Emanhas* - Torre do Tombo, Sé de Coimbra, 2.ª incorporação, maço 88, doc. 4200.

⁷ Sobre a presença dos monarcas nestas localidades, cf. Gomes. *A Corte dos Reis de Portugal*... cap. 4.

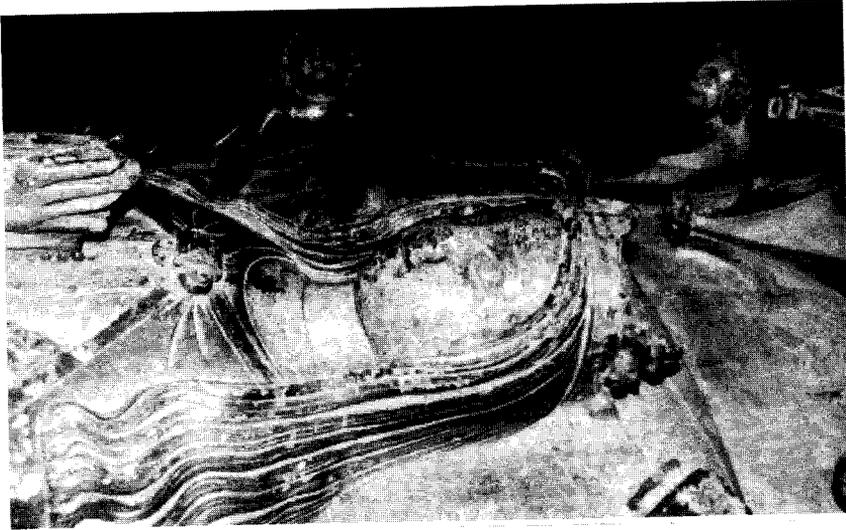


Fig. 1 – Figura jacente da Infanta D. Isabel (†1326), sepultada no mosteiro de Santa-Clara-a-Velha e actualmente em Santa-Clara-a-Nova, Coimbra.

É interessante notar o facto de nem sempre haver correspondência entre a condição da tumulada e a da figura esculpida.

O caso mais conhecido desta situação é o da rainha Isabel de Aragão que, como ela própria afirma num documento datado do ano em que ficou viúva (1325)⁸, decide envergar o hábito de clarissa, ainda que não professasse a ordem. A rainha fez-se representar, no majestoso túmulo por ela encomendado, vestindo o hábito de monja em que decidira enquanto casada ser enterrada, e em que passou a maior parte dos dias da sua viuvez; mas a imagem por ela encomendada é antes de mais a de uma rainha, coroada, rodeada de símbolos evocativos da sua condição e linhagem.

O outro caso que queria salientar é o de uma das filhas bastardas de D. Dinis, D. Maria Afonso, monja professa no mosteiro cisterciense de São Dinis e São Bernardo em Odivelas. Verificamos aqui, a confirmar-se a atribuição deste túmulo a esta figura, a situação inversa: a tumulada é representada não como religiosa mas como jovem dama, envergando um vestido sob manto e apresentando os cabelos soltos sobre as almofadas em que apoia a cabeça.

Os dois casos conhecidos de jacentes religiosas representadas como tal são, significativamente, lajes (uma esculpida e outra gra-

⁸ Cf. Sousa. *Provas da História Genealógica...*, tomo I, pp. 142-143.

vada) e não tampas de sarcófagos. Pertencem ambos a mosteiros cistercienses, e apenas para um conhecemos a identidade da tumulada: trata-se de Urraca Pais, terceira abadessa de Odivelas, falecida em 1340⁹.

Seria interessante saber de que forma Leonor Afonso, filha bastarda de D. Afonso III e monja clarissa em Santarém, se fez representar no túmulo que ainda hoje subsiste, mas cujo jacente se perdeu. De qualquer forma, a fraca representatividade dos túmulos de religiosas e a escolha da imagem de princesa por parte de uma monja são factores que indicam, pelo menos quanto à figura jacente, por um lado a maior importância conferida à preservação da memória individual por parte do sector leigo destas elites trecentistas e, por outro, a preferência por uma representação do corpo ligada à vida profana e aos seus prazeres. O facto de estas mulheres terem frequentemente escolhido ser enterradas envergando um hábito monástico salienta, pela oposição, a importância da opção por uma imagem jacente ligada menos aos valores da religião e mais aos da vida de corte.

As jóias com que se enfeitam estas damas, bem como os objectos e seres de que se fazem rodear, ajudam a construir a sua identidade, distinguindo-as entre si através do recurso a representações heráldicas (ainda que estas, como veremos, se desenvolvam sobretudo nas arcas e não nos jacentes), e distinguindo-as, sobretudo, enquanto grupo, através dos elementos que as identificam como pertencentes a uma elite dotada de um estilo de vida próprio e de uma maneira única de preservar a memória individual após a morte.

A quantidade e o tipo de elementos deste tipo varia não só em função do estatuto e os desejos das tumuladas, mas também de factores como a dureza da pedra usada e, provavelmente, das características dos próprios mestre autores do jacente.

A pequena figura de Sancha Pires, em São Domingos de Lisboa (figura 2), é a mais despojada¹⁰ de todo o conjunto. Esta mulher, casada com um homem-bom daquela cidade e falecida em 1343, não é identificada senão pela inscrição que preenche a face lateral visível da arca. A figura, destituída de quaisquer adornos, preenche toda a superfície da tampa, não tendo sequer um apoio sob os pés, característica que partilha apenas com a infanta desconhecida

⁹ Cf. Correia, *Três Túmulos*, p. 50. Sobre esta figura, ver também *Monarquia Lusitana*, parte V, livro XVII, 222v-223v.

¹⁰ e também a menos conhecida, tendo sido objecto do estudo «Dois túmulos medievais em São Domingos de Lisboa» de J. M. Cordeiro de Sousa, publicado na também sua *Colectânea Olisiponense* (1953). Este túmulo não é no entanto referido pelos estudos mais recentes.

da Sé de Lisboa. Nos restantes túmulos, são frequentes elementos como: jóias que prendem no peito o manto que cobre o vestido, botões decorados com motivos heráldicos (é o caso de D. Maria Vilalobos na Sé de Lisboa), anéis, pequenas coroas e colares de contas. O jacente de Isabel de Aragão apresenta outro tipo de elementos decorativos, ligados à devoção religiosa: o bordão e a bolsa de peregrina e o livro fechado.



Fig. 2 – Figura jacente da Sancha Pires, († 1343) igreja de São Domingos de Lisboa.



Fig. 3 – Figura jacente da *Infanta desconhecida*, Sé de Lisboa, capela de Santa Ana do deambulatório ¹¹

Quanto às mãos das figuras, elas são normalmente colocadas em posição de oração (figura 1). Os livros também surgem associados às personagens femininas: fechados nos casos das duas religiosas e da Rainha Santa, e abertos, em posição de leitura, nos das jacentes da Sé de Lisboa (figura 3 e 7).

Ladeando o corpo encontramos sobretudo cães de companhia, que repousam ou brincam entre si. Nos túmulos da Sé de Lisboa, a presença destes pequenos animais, que se distinguem pela sua atitude e pelo seu tamanho dos cães de caça representados nos túmulos masculinos, remete para um ambiente doméstico, e por isso por excelência feminino. Essa impressão é reforçada pela atitude de leitura individual e repousada de um livro de orações assumida pela jacente, o que remete igualmente para a vivência doméstica feminina, indicando ao mesmo tempo uma espiritualidade individualizada e uma relação menos mediatizada com o sagrado. Nestes túmulos o livro de orações é, de resto, o único símbolo directamente ligado à religião.

Os anjos são representados em alguns túmulos, à cabeça e aos pés do jacente ou incensando o corpo. A presença destes últimos

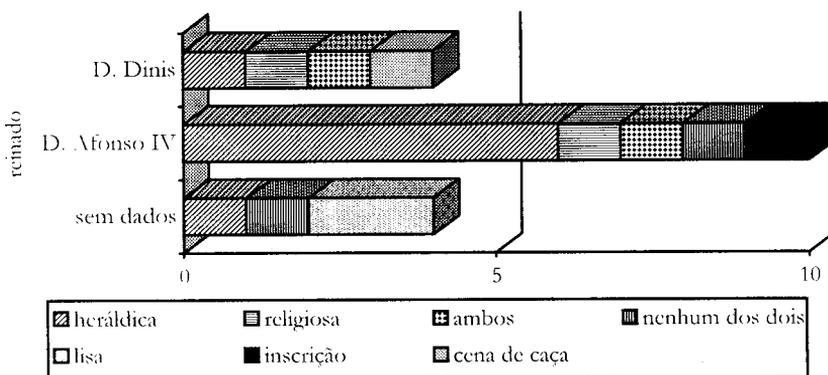
¹¹ Sobre as hipóteses de identificação até agora levantadas, ver sobretudo Santos. *Oito Séculos de Arte Portuguesa*, p. 255; Saraiva. *O Túmulo de uma Infanta...*; Távora. "A Heráldica Medieval na Sé de Lisboa", p. 159.

limita-se, para o período analisado, aos túmulos de Isabel de Aragão e da sua neta, aceitando-se normalmente que a esta rainha se deve a introdução do tema no território português. Sabemos que também constavam dos túmulos perdidos de D. Beatriz de Castela e de Afonso IV¹². Quanto aos anjos que apenas acompanham o jacente encontramos-os, por exemplo, junto ao de D. Vataça, em Coimbra, e em Oliveira do Hospital, no túmulo de Domingas Sabachais. Este último, a par do do seu marido, é considerado exemplo da expansão para regiões mais periféricas dos modelos consagrados por centros artísticos importantes (como era Coimbra)¹³ e representa também a apropriação por indivíduos de recente nobilitação das formas de perpetuação da memória originalmente exclusivas de um grupo mais restrito.

As arcas funerárias femininas deste período apresentam quase exclusivamente dois tipos de decoração: uma de tipo religioso e devocional e a outra de tipo heráldico.

Antes de passar à sua análise, gostaria de descrever sumariamente as exceções: Em primeiro lugar, temos o já referido sarcófago de Sancha Pires de Lisboa, decorado apenas pela inscrição que identifica a tumulada. O outro caso é o da arca tumular que tem sido atribuída a Branca Peres de Sousa. Este túmulo, cuja figura jacente se perdeu, e que é decorado com cenas de caça semelhantes às do do próprio conde, é uma exceção no panorama da tumularia feminina e terá certamente sido fruto da encomenda deste último.

6 – Tipo de decoração nas arcas e lajes tumulares por reinado



¹² Cf. Frei Manuel da Esperança. *História Seráfica*. T. 2.º L.º 9, p. 312. cit. por Vergílio Correia. *Três Túmulos*, p. 41.

¹³ Cf. Macedo. «O descanso eterno», p. 444.

Os tipos de decoração que predominam (gráfico 6) são, como dizíamos, o de temática religiosa e o de tipo heráldico, que tanto surgem isolados como combinados entre si. Como pode ser observado no quadro, a decoração de carácter devocional apenas surge isolada em dois túmulos, o da religiosa Leonor Afonso, já referida, filha de D. Afonso III, e o da infanta D. Isabel, filha de Afonso IV. A primeira arca (figura 4) é, simultaneamente, aquela em que se evidencia mais claramente a penetração dos temas mendicantes na estética funerária, vendo-se num dos frontais São Francisco recebendo os estigmas. A perda do jacente de Leonor Afonso impede-nos de saber se a inexistência de decoração heráldica na arca era ou não compensada pela sua presença na tampa da sepultura, que é o que acontece com o outro caso referido.

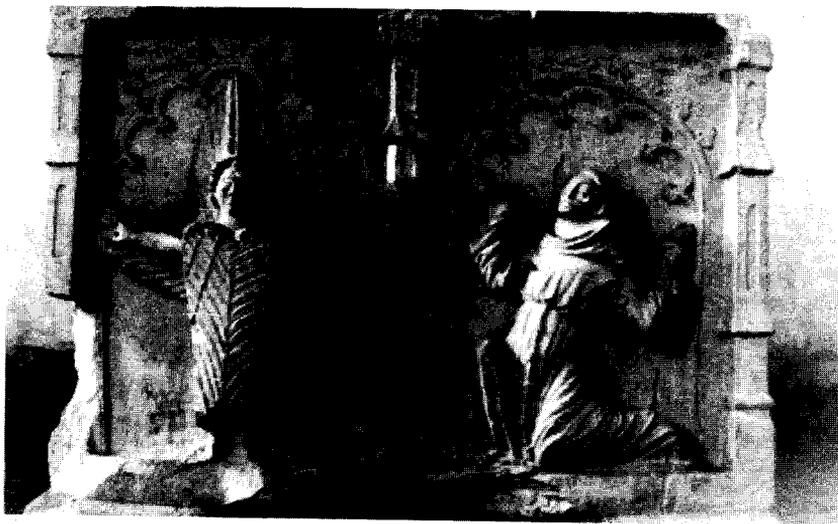


Fig. 4 – Facial do túmulo original de D. Leonor Afonso (†1325), mosteiro de Santa Clara de Santarém.

A presença simultânea de motivos religiosos e heráldicos verifica-se em dois túmulos: o da rainha Santa Isabel (figura 5), de decoração muito semelhante ao da sua neta, mas onde surgem, sobre a Crucificação representada no frontal da cabeceira, dois pequenos escudos com as armas do reino de Aragão, e o da também já referida Maria Afonso, bastarda de D. Dinis em que, pelo contrário, a decoração heráldica preenche a quase totalidade da superfície esculpida.

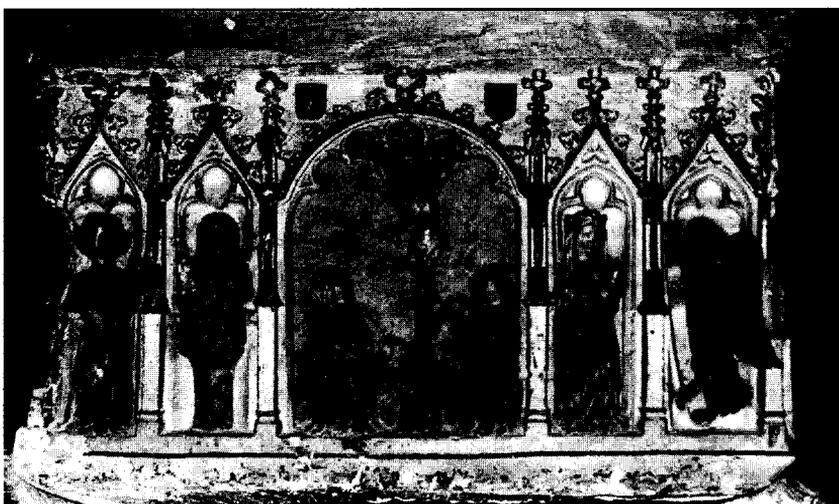


Fig. 5 – Facial da cabeceira do túmulo da rainha Isabel de Aragão (†1336), sepultada no mosteiro de Santa-Clara-a-Velha e actualmente em Santa-Clara-a-Velha.

Os temas devocionais escolhidos por estas mulheres, bem como os templos em que surgem os seus túmulos, revelam a influência das ordens mendicantes junto da corte. A figuração do Apostolado, comum em túmulos de épocas precedentes, subsiste no túmulo da Rainha Santa, mas cede lugar nos restantes à figuração de monges e monjas em alegre conversação (figura 6) ou a santas da devoção da tumulada. O Cristo em majestade, presente também em obras anteriores, é substituído pelo Cristo homem, menino ao colo da Virgem ou sofredor na Cruz.

De resto, é visível a preponderância da decoração heráldica, que na tumulária feminina se afirma com mais força no reinado de Afonso IV, e se concentra nos templos não monásticos (figura 7). Com a importante excepção de D. Vataça, dama da rainha santa que escolhe como decoração única da sua arca as armas imperiais que herdara por via materna, estas mulheres escolhem como forma de identificação pessoal as armas do pai ou do marido.

Importa finalmente, ainda a propósito da decoração dos túmulos, assinalar a inexistência, em Portugal, de figurações propriamente funerárias. Os temas ditos *retrospectivos*¹⁴ surgem em Portugal apenas em dois túmulos, um deles feminino, mas ambos pertencentes a um período anterior ao aqui estudando, sendo também

¹⁴ Terminologia usada por Erwin Panofsky, *La Sculpture Funéraire*, p. 21.



Fig. 6 - Pormenor de uma das faces laterais do túmulo de Leonor Afonso.

de notar que nenhum dos dois foi feito por iniciativa do tumulado. Em Espanha, pelo contrário, as representações de prantos e cortejos fúnebres são um motivo que atravessa todo o período, desaparecendo apenas no final do século XIV. Sabemos ainda ter existido um túmulo trecentista em Santa-Clara-a-Velha com este tipo de decoração,

encomendado por um indivíduo de origem aragonesa¹⁵, o que, face à inexistência de outros nele inspirados atesta não ter tido a decoração de tipo *retrospectivo* aceitação entre nós. Uma conclusão a tirar deste facto poderá ser a de uma penetração mais forte da condenação religiosa das manifestações de exteriorização da dor durante as cerimónias fúnebres. Pode, por outro lado, revelar uma relação mais individualizada com o sagrado e uma consciencialização diferente da responsabilidade pessoal pela salvação ou condenação da alma.



Fig. 7 – Túmulo de D. Maria Vilalobos, Sé de Lisboa, capela de S. Cosme e S. Damião.

Relacionando a análise da iconografia com a dispersão geográfica, é evidente o facto de que as soluções mais inovadoras e os programas decorativos mais complexos estão ligados ao mundo urbano e às figuras de condição mais elevada e mais próximas da corte.

É também das cidades que nos chegam as evidências do papel feminino na encomenda dos túmulos decorados: não só os já referidos casos de Isabel de Aragão e D. Vataça mas, mesmo para um período bastante anterior, a encomenda por parte de Constança Sanches

¹⁵ Cf. Frei Manuel da Esperança, *História Seráfica*, T. 2.º, p. 50, cit. por Barroca, *Necrópoles e Sepulturas Medievais de Entre-Douro-e-Minho*, p. 275.

(bastarda de Sancho I e monja em Coimbra) do monumento funerário do seu irmão Rodrigo Sanches, falecido em 1245¹⁶.

Por oposição à cultura nobiliárquica senhorial e rural, expressa nas sepulturas masculinas através das representações ligadas aos ideais da cavalaria, a afirmação da tumulária feminina surge assim como um fenómeno intimamente associado ao desenvolvimento da cultura urbana e à espiritualidade mendicante, geradores de um ambiente mais propício à afirmação de um protagonismo feminino.

FONTES

Manuscritas

Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Sé de Coimbra, 2.^a incorporação, maço 88, doc. 4200.

Impressas

Liber Anniversariorum Ecclesiae Cathedralis Colimbriensis (Livro das Kalendas). Ed. Pierre David e Torquato de Sousa Soares, tomo 1, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Históricos Dr. António de Vasconcelos, 1947.

Livro de Linhagens do Conde D. Pedro. Ed. José Mattoso, 2 vols., Lisboa, Academia das Ciências, 1980.

Livro do Deão. Ed. José Mattoso, Lisboa, Academia das Ciências, 1980.

Livro dos Bens de D. João de Portel. Cartulário do Século XII. Ed. Pedro A. de Azevedo, Lisboa, Archivo Historico Portuguez, 1906-1910.

Livro Velho de Linhagens. Ed. José Mattoso, Lisboa, Academia das Ciências, 1980.

Monarquia Lusitana. Ed. A. Rego, partes 4.^a e 5.^a, (por Frei António Brandão e Frei Francisco Brandão, respectivamente), Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1973-1980.

¹⁶ Cf. Barroca, *Necrópoles e Sepulturas Medievais de Entre-Douro-e-Minho*, p. 402.

- PINA, Rui de - *Crónicas de Rui de Pina*. Ed. M. Lopes de Almeida, Porto, Lello & Irmão, 1977.
- SOUSA, António Caetano de — *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Ed. M. Lopes de Almeida e César Pegado, vol. I, Coimbra, Atlântida - Livraria Editora, 1946.
- SOUSA, António Caetano de — *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Ed. M. Lopes de Almeida e César Pegado, vol. I, Coimbra, Atlântida - Livraria Editora, 1946.
- Vida e Milagres de Dona Isabel Rainha de Portugal*. Ed. J. J. Nunes, sep. do *Boletim da Classe de Letras*, vol. XIII, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1921.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Lourenço Chaves de — *Os Túmulos de Alcobaça e os Artistas de Coimbra*. s.l., Junta de Província da Estremadura, Publicações Culturais, 1944.
- ARIÈS, Philippe — *L'Homme devant la Mort*. 2 vols., Paris, Seuil (col. Points Histoire, n.º 82 e 83), 1985.
- ARIÈS, Philippe — *Sobre a História da Morte no Ocidente desde a Idade Média*. 2.ª ed., Lisboa, Teorema, 1989.
- AZEVEDO, Francisco Simas Alves de — «Meditações Heráldicas. IV. D. Vataça e as suas Águias Bicéfalas», *Armas e Troféus. Revista de História, Heráldica, Genealogia e de Arte*, 2 (II série, tomo IV), 1963, pp. 178-180.
- BARBOSA, L. de Vilhena — «D. Vetaça Lascaris», *Archivo Pittoresco*, vol. IX, 1866, pp. 325-326.
- BARROCA, Mário Jorge — *Necrópoles e Sepulturas Medievais de Entre Douro e Minho (séculos V a XV)*, trabalho apresentado no âmbito de Provas Públicas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 1987 (policopiado).
- BARROCA, Mário Jorge — «Sarcophage du Comte Pedro»; «Sarcophage de la Reine Urraca»; «Tombeau de l'Archevêque Gonçalo Pereira»; «Contrat pour l'exécution du tombeau de Gonçalo Pereira»; «Tombeau de Lopo Fernandes Pacheco» in *Aux Confins du Moyen-Âge. Art Portugais XII-XV^e Siècle*. Europalia 91 Portugal, s.l., Fondation Europalia International, 1991, pp. 152-153; 158-160; 210; 210-211; 212.

- BEDOS REZAK, Brigitte — «Women, Seals and Power in Medieval France, 1150-1350» in *Women and Power in the Middle Ages*, ed. Mary Erler e Maryanne Kowaleski. Athens, University of Georgia Press, 1988, pp. 61-82.
- BENEVIDES, Francisco da Fonseca — *Rainhas de Portugal. Estudo Histórico*. Lisboa, Typographia Castro Irmão, 1878.
- COELHO, Maria Helena da Cruz; Ventura, Leontina — «Os Bens de Vataça. Visibilidade de uma Existência», *Revista de História das Ideias*, 9, *O Sagrado e o Profano*, II, 1987, pp. 33-77.
- COELHO, Maria Helena da Cruz; Ventura, Leontina — «Vataça — Uma Dona na Vida e na Morte» in *Actas das II Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval*, vol. 1, Porto, Centro de História da Universidade do Porto, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1987, pp. 159-193.
- CORREIA, Vergílio — *Três Túmulos. Uma Arca Tumular do Museu de Santarém. Sepultura de Fernão Gomes de Goes, em Oliveira do Conde. Moimento do 1.º Marquês de Valença, em Ourém*. Lisboa, Portugalia, s.d.
- CORREIA, Vergílio; Gonçalves, Nogueira — *Inventário Artístico de Portugal*, vol. II, *Cidade de Coimbra*, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes, 1947.
- DIAS, Pedro — *História da Arte em Portugal*, vol. IV, *O Gótico*, Lisboa, Publicações Alfa, 1986.
- DIAS, Pedro — «Notas para o Estudo da Condição Social dos Artistas Medievais de Coimbra», sep. das *Actas das I Jornadas do Grupo de Arqueologia e Arte do Centro*. Coimbra, Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1979, pp. 111-124.
- EGRY, Anne de — «Simbolismos Funerarios en Monumentos Románicos Españoles», *Archivo Español de Arte*, 173-176 (tomo XLIV), 1971, pp. 9-15.
- FEIO, Alberto — «Dois Sepulcros Medievais e seus Artistas», *Biblos. Boletim da Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*, 1, 1925, pp. 438-445.
- ESPANCA, Túlio — *Inventário Artístico de Portugal*, vol. VII, *Concelho de Évora*, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes, 1966.
- FERREIRA, Emídio Maximiano — *A Arte Tumular Medieval Portuguesa (séculos XII-XV)*. Dissertação de Mestrado de História da Arte apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 1986 (policopiado).

- FIGANIÈRE, Frederico Francisco de la — *Memórias das Rainhas de Portugal. D. Theresa — Santa Isabel.* s.l., Typographia Universal, 1859.
- FREIRE, Anselmo Braamcamp — *Brasões da Sala de Sintra.* 3 vols., 2.^a ed., Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1973.
- GOMES, Rita Costa — *A Corte dos Reis de Portugal no Final da Idade Média.* Lisboa, Difel (col. Memória e Sociedade), 1995.
- KRUS, Luís — «A Cidade no Discurso Cultural Nobiliárquico (sécs. XIII e XIV)» in *A Cidade. Jornadas Inter e Pluridisciplinares*, coord. Maria José Ferro Tavares. Lisboa, Universidade Aberta, 1993, pp. 383-393.
- KRUS, Luís — «Sancho, Rodrigo» in *Dicionário Ilustrado de História de Portugal*, coord. José Costa Pereira, Lisboa, 1986, pp. 202-203.
- LACERDA, Aarão de — *História da Arte Portuguesa*, vol. I, Porto, Portucalense Editora, 1942.
- MACEDO, Diogo de — *Iconografia Tumular Portuguesa. Subsídios para a Formação de um Museu de Arte Comparada.* Lisboa, 1934.
- MACEDO, Francisco Pato de — «O Descanso Eterno. A Tumulária» in *História da Arte Portuguesa*, dir. Paulo Pereira, vol. I, *Da Pré-História ao "Modo" Gótico.* s.l., Círculo de Leitores, 1995, pp. 434-455.
- MACHADO, Pedro José da França Pinto dos Reis — «D. Vataça: Um Exílio, um Destino na Corte da Rainha Santa Isabel», *Munda*, 8, 1984, pp. 49-54.
- MANSO PORTO, Carmen — «La Escultura Funeraria» in *Galicia. Arte.* dir. Francisco Rodríguez Iglesias, vol. XI, *Arte Medieval (II)*, por Ramón Yzquierdo Perrín e Carmen Manso Porto. Corunha, Hercules Ediciones, s.d., pp. 382-413.
- MARQUES, A. H. de Oliveira; GONÇALVES, Iria; ANDRADE, Amélia Aguiar — *Atlas de Cidades Medievais.* Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa, 1990.
- MATTOSO, José — «A Memória dos Contactos» in *Os Descobrimientos Portugueses e a Europa dos Descobrimientos*, XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura, Núcleo da Madre de Deus, «*A Voz da Terra ansiando pelo Mar*» — *Antecedentes dos Descobrimientos*, vol. coord. José Mattoso, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1983, pp. 179-236.
- MATTOSO, José — «O Românico Português. Interpretação Económica e Social», *Mínia*, 5 (2.^a série, ano IV), 1981, pp. 5-24.

- MONTEIRO, Manuel — *Iconografia Funerária do Minho. O Túmulo de D. Gonçalo Pereira*. Braga, Oficinas Gráficas "Pax", 1944.
- MONTEIRO, Manuel — «Os Túmulos dos Fundadores do Mosteiro de Santa Clara de Villa do Conde» in *Dispersos, Inéditos e Cartas*. vol. 1, *Artigos em Publicações Periódicas, Monografias*. Braga, Aspa, 1980, pp. 164-167.
- NÚÑEZ, M.; PORTELA, E. (coord.)— *La Idea y el Sentimiento de la Muerte en la Historia y en el Arte de la Edad Media*. Ciclo de Conferencias Celebrado del 1 al 5 de Diciembre de 1986, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela (col. Aula Aberta), 1988.
- NÚÑEZ RODRÍGUEZ, Manuel — *Casa, Calle, Convento. Iconografía de la Mujer Bajomedieval*. Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela (col. Monografias da Universidade de Santiago de Compostela, n.º 195), 1997.
- NÚÑEZ RODRÍGUEZ, Manuel — *La Idea de Inmortalidad en la Escultura Gallega (La Imaginería Funeraria del Caballero, s. XIV-XV)*. Orense, Servicio de Publicacións, Disputacion Provincial de Orense, s.d.
- NÚÑEZ RODRÍGUEZ, Manuel — «El Sepulcro de Fernan Perez de Andrade en San Francisco de Betanzos como Expresion de una Individualidad y una Época», *Bracara Augusta. Revista Cultural da Câmara Municipal de Braga*, 79-80 (vol. XXXV), Janeiro-Dezembro de 1981, pp. 397-413.
- OLIVEIRA, Ana Maria Tavares da Silva Rodrigues — *As Representações da Mulher na Cronística Medieval Portuguesa (Séculos XII a XIV)*. Dissertação de Mestrado de História Medieval apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 1997 (policopiado).
- ORUETA, Ricardo de — *La Escultura Funeraria en España. Provincias de Ciudad Real, Cuenca, Guadalajara*. Madrid, Junta para Ampliación de Estudios e Investigaciones Científicas, Centro de Estudios Históricos, 1919.
- PANOFSKY, Erwin — *La Sculpture Funéraire. De l'Égypte Ancienne au Bernin*. Paris, Flammarion (col. Idées et Recherches), 1995.
- «Pedro (D.)» in *Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. XX, Lisboa e Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, s.d., pp. 802-811.
- RIBEIRO, Margarida — «A Montaria na Escultura Tumular», *Panorama. Revista Portuguesa de Arte e Turismo*, 20 (IV série), Dezembro de 1966, pp. 29-40.

- RODRIGUES, Sebastião Antunes — *I. 7.º Centenário do Casamento de D. Dinis com a Princesa de Aragão D. Isabel. II. A Cultura da Rainha Santa*. Coimbra, Museu Machado de Castro — Comemoração dos Centenários de S. Teotónio, S.^{to} António e Rainha Santa, 1982.
- SÁNCHEZ AMEIJERAS, María del Rocío — «Circulación de Modelos y Talleres Itinerantes: el Papel de Artistas y Comitentes en la Evolución Tipológica de la Escultura Funeraria en la Galicia Medieval» in *Los Caminos y el Arte, VI Congreso Español de Historia del Arte, 16-20 Junio de 1986*, vol. II, *El Arte en los Caminos*, CEHA, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela, 1989, pp. 233-239.
- SÁNCHEZ AMEIJERAS, María del Rocío — *Investigaciones Iconográficas sobre la Escultura Funeraria del Siglo XIII en Castilla y León*. Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela, Servicio de Publicaciones e Intercambio Científico (Teses en microficha num. 321), 1993.
- SANTOS, Reinaldo dos — *Oito Séculos de Arte Portuguesa. História e Espírito*. Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, s.d.
- SÃO PAYO, Marquês de — «A Heráldica nos Usos e Costumes Funerários», *Armas e Troféus. Revista de História, Heráldica, Genealogia e de Arte*, VI (II série), 1965, pp. 220-230.
- SARAIVA, J. Mendes da Cunha — *O Túmulo de uma Infanta na Charola da Sé de Lisboa*. Lisboa (col. Iconografia Tumular Portuguesa, 1), 1927.
- SEQUEIRA, Gustavo de Matos — *Inventário Artístico de Portugal*, vol. III, *Distrito de Santarém*, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes, 1949.
- SEQUEIRA, Gustavo de Matos — *Inventário Artístico de Portugal*, vol. V, *Distrito de Leiria*, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes, 1955.
- SOUSA, José Maria Cordeiro de — *Colectânea Olisiponense*. 2 vols., Lisboa, Biblioteca de Estudos Olisiponenses, 1953.
- SOUSA, José Maria Cordeiro de — *Contribuição para uma Ementa dos Jacentes Portugueses*. Lisboa, Centro de Estudos de Arte e Museologia do Instituto para a Alta Cultura, 1946.
- SUMMAVIELLE, Elísio — *Igreja de Santa Maria Maior. Sé de Lisboa*. Lisboa, Instituto Português do Património Cultural, Teorema, 1986.
- TÁVORA, Luís Gonzaga de Lencastre e — *O Estudo da Sigilografia Medieval Portuguesa. I. Panorama dos Estudos Sigilográficos no nosso País e Normas para a sua Sistematização. II. Esboço de*

- um Corpus Esfragístico Medieval Português*. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1983.
- TÁVORA, Luís Gonzaga de Lencastre e — «A Heráldica Medieval na Sé de Lisboa», *Boletim da Assembleia Distrital de Lisboa*, 88 (1.º tomo), 1982, pp. 143-200.
- VILAR, Maria Hermínia de Vasconcelos Alves — *Vivência da Morte na Estremadura Portuguesa (1300-1500)*. Dissertação de Mestrado de História Medieval apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 1990 (policopiado).
- ZÚQUETE, Afonso Eduardo Martins (dir.) — *Armorial Lusitano. Genealogia e Heráldica*. Lisboa, Editorial Enciclopédia, 1961.